

0,9 lobo
13/3/98 9
293

AMAZÔNIA AMEAÇADA: WWF aposta em fórmula de certificação internacional para deter o corte predatório de madeiras tropicais

Mercado consumidor, o novo alvo dos ambientalistas

Selos verdes inauguram um novo modelo de consumo, que valoriza a madeira extraída sem maiores danos à natureza

• BRASÍLIA. A luta mais importante das organizações ambientais contra o corte predatório de madeira na Amazônia não está sendo travada na floresta. A guerra é de consciência e seu palco, a Europa, os EUA e outros grandes mercados consumidores do mundo, onde cresce a rejeição a madeiras tropicais de origem suspeita, que desembarcam em seus portos sem a chancela de entidades conservacionistas.

Vários tipos de selos verdes vêm surgindo, a reboque desta tendência, mas nenhum deles tem mais credibilidade do que a certificação ambiental emitida pelo Forest Stewardship Council (FSC), organização fundada em 1993 e chamada no Brasil de Conselho de Manejo Florestal. Representante da organização no Brasil, Garo Batmanian, diretor-executivo da Fundo Mundial para a Natureza (WWF), diz que a certificação, embora não oficial, já é capaz de decidir negócios em grandes escritórios europeus e americanos.

— Ninguém quer mais comprar madeira produzida por desmatamento. Eles procuram valorizar o empresário que está fazendo o correto — explica Garo, referindo-se a esse novo modelo de consumo.

A certificação florestal do FSC, uma organização independente e sem fim lucrativos, premia o ma-

nejo florestal que conserva o meio ambiente e é socialmente justo, sem tirar o lucro do empresário. O Brasil tem atualmente mais de 300 mil hectares de florestas certificadas em cinco estados, onde seis empresas estão cortando madeira. Apenas uma delas, a Mil Madeireira Itacoatiara, está localizada na Amazônia. As demais são a Floresteca Agroflorestal Ltda (Mato Grosso), a Floresta Rio Doce (Minas Gerais), a Eucatex e Duratex (São Paulo) e a IKPC Indústria Klabin (Paraná).

Nenhuma empresa é obrigada a abrir as suas portas para os certificadores da FSC. Quem adere voluntariamente, contudo, se compromete a seguir exigências como obediência a todas as leis locais, respeito aos contratos trabalhistas e recolhimento dos impostos devidos. A empresa certificada passa a ser avaliada periodicamente e, se contrariar as regras, pode perder a certificação.

Experiência no Pará mostra as vantagens do manejo

Empenhada em projetos de conservação da natureza desde 1971 no Brasil, o WWF não aposta apenas na certificação internacional para deter o corte predatório de madeira tropical. Em Paragominas (PA), considerado o maior pólo madeireiro do país — o município tem um faturamento

anual de US\$ 160 milhões com a atividade — o WWF financia estudo do Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), uma ONG do Pará, para a adoção de um modelo alternativo de extração de madeira. A meta é promover esquemas de manejo sustentável, com o objetivo de diminuir a perda de biodiversidade e a degradação. O plano está sendo testado com a colaboração de um madeireiro local, Pêrsio Nahor, que concordou em dividir sua propriedade de 200 hectares, perto de Paragominas, em duas partes. Ele cedeu uma delas para a experiência. Na outra, a madeira continuou sendo extraída da forma tradicional. Os resultados, garante Garo, foram muito encorajadores.

Na metade que manteve o modelo tradicional, as perdas chegaram a 10% da madeira cortada. Foram abertas 30% de trilhas além do necessário e derrubadas, desnecessariamente, 27 árvores para cada uma de valor comercial extraída.

— O processo é tão primário que eles cortam e depois perdem a madeira de vista — conta o diretor-executivo da WWF.

Na outra parte da propriedade, a aplicação de tecnologias inovadoras e a seleção de tratoristas e operadores de motosserras e outros cuidados permitiram um lu-

cro adicional de 10% sobre o valor total da madeira retirada, além da redução das perdas em quase 50%.

Emprego racional de dinheiro e reflorestamento rápido

Garo relata que o processo, além de proteger a floresta, permitiu ao empresário pagar toda a tecnologia aplicada e ainda sobrou dinheiro. A regeneração da floresta também é mais rápida nas áreas manejadas e há evidências de que o manejo reduz pela metade o tempo necessário para uma segunda extração em florestas já exploradas.

A metodologia do projeto incluiu a execução de um inventário florestal, a determinação das técnicas mais apropriadas de extração de madeira nesse tipo de floresta, um estudo de custo-benefício comparando as áreas manejadas e não-manejadas de extração de madeira, um exame da regeneração da floresta nas duas áreas, uma análise da eficiência do beneficiamento das toras e uma análise dos regulamentos vigentes para as atividades madeireiras. Várias companhias madeireiras privadas, em parceria com outras ONGs, já estão multiplicando o modelo do Imazon/WWF em 12 outras localidades no Mato Grosso, em Rondônia, no Amazonas e no Pará. ■

CORPO A CORPO

GARO BATMANIAN

'O consumidor pode escolher'

• Otimista, o diretor WWF-Brasil, Garo Batmanian, aposta no consumidor para deter a extração predatória de madeira. Para ele, é tendência mundial valorizar produtos que não causem danos à natureza.

O GLOBO: O senhor considera a extração de madeira amazônica fora de controle?

GARO BATMANIAN: Nem tudo está perdido. A extração predatória está perdendo a guerra comercial. O consumidor hoje tem o direito de escolha. Se 80% da madeira amazônica estão sendo retirados ilegalmente, como diz o Governo, sobram 20% retirados da forma correta. Que sejam valorizados, então, aqueles que fazem certo.

• Como esse tipo de empresário pode ser valorizado?

GARO: No exterior, começa a ocorrer com a madeira o mesmo fenômeno de consumo que já domina a venda de atum. Pa-

ra comprar uma lata do produto, o consumidor olha antes, para ver se tem a inscrição "dolphin safe", que significa golfinhos salvos. Ou seja, a pesca daquele atum não matou os golfinhos, que por muitos anos foram dizimados por um processo cruel. Presos nas redes dos pescadores, morriam por falta de oxigênio.

• Esse tipo de discurso não cria dificuldade para produtos brasileiros de exportação?

GARO: É preciso deixar claro que não se trata de uma barreira tarifária. A mesma regra vale também para as mercadorias produzidas dentro da Europa, por exemplo. Não afeta apenas produtos tropicais.

• Que garantia existe de que o manejo protege a floresta?

GARO: Ninguém até hoje viu o segundo ciclo do manejo florestal, porque é preciso esperar até 30 anos, mas há indicações de que o processo é positivo.